

Veze e voz às crianças!



Criação de Pedro de Mello Campos aos 5 anos de idade (São Carlos, década de 1990).

EDITORIAL

FORMAR REPRODUTORES DE SENTIDOS JÁ PRONTOS OU PRODUTORES DE NOVOS SENTIDOS?

Por *Stela Miller*

Ao pensarmos a organização do processo de educação escolar, uma questão relevante é termos consciência da direção para onde esse processo vai caminhar, para quem esse processo está sendo pensado, qual o objetivo a ser alcançado quando se trata da formação de um ser humano, inserido em uma realidade, imerso em uma pluralidade de relações, com seus interesses, necessidades e potencial capacidade para aprender e se desenvolver.

O título acima parece expressar uma dicotomia entre duas formas de atividade: a reprodutora e a criadora, que são exercidas pelo ser humano. Porém, na verdade, chama a atenção para o fato de que há entre ambas uma relação dialética que possibilita a formação do sujeito pela apropriação da cultura historicamente produzida e sua atuação no meio em que vive, transformando-o e transformando-se em sua trajetória de vida.

Salientamos, com isso, que é preciso, então, dominar o já existente, para criar algo novo e fazer avançar conhecimentos, condutas valores, etc. Se, de um lado, a atividade reprodutora atua como conservação da experiência humana, por outro lado, a atividade produtora ou criadora serve-se do que foi conservado para transformá-lo em novos produtos da ação humana.

É nesse movimento que é pensado um processo de educação que prioriza uma formação humanizadora dos sujeitos nela envolvidos, que avança do conhecido para o desconhecido e inovador. Se apostarmos apenas na memorização de conhecimentos já

estabelecidos, estaremos formando sujeitos voltados para o passado; em contraposição, se escolhermos o caminho da transformação, do pensamento criador, do ser que saiba reunir a experiência anterior, combiná-las e reelaborá-las, constituindo novas formas de atividade e novos produtos daí resultantes, estaremos formando sujeitos voltados para o futuro, porque têm capacidade para mudar o presente com sua atuação.

Disso dependem os avanços científicos e tecnológicos, artísticos, jurídicos, filosóficos, enfim, os mais diferentes aspectos constitutivos de nossa cultura, que servirão de aporte para a educação das novas gerações, as quais, servindo-se desse acúmulo de experiência, construirão o seu processo de formação que, se feito nas bases aqui propostas, oportunizam o desenvolvimento de sujeitos capazes de pensar e agir com autonomia, avaliando os dados da realidade e atuando como agentes transformadores de si mesmos e da realidade social do seu meio.

Políticas públicas neoliberais de educação são avessas a qualquer proposta que ponha em cheque a realidade social já instituída. Por isso, adota medidas de redução de apropriação de conhecimentos, de desenvolvimento da capacidade criadora dos alunos e, portanto, de possibilidade de transformação da experiência humana já estabelecida.

Estejamos cientes da necessidade de lançarmos um olhar crítico sobre essas políticas educacionais e de agirmos na direção contrária a elas.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

ENTRE A REPRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: REFLEXÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA

Por Sônia de Oliveira Santos

A sala de aula, desde a Educação Infantil, constituiu-se como um espaço vivo de aprendizagem, no qual as crianças se apropriam dos atos de ler e de escrever ao participarem de situações reais de uso da linguagem escrita, em um processo dialógico. Nesse contexto, entram em contato com os diferentes gêneros discursivos, dentre os quais se destacam os textos científicos, ampliando as possibilidades de compreensão e de construção de conhecimentos. No entanto, organizar as aulas tendo como base os interesses e as curiosidades das crianças constitui um dos maiores desafios enfrentados pelos professores, uma vez que essa prática, muitas vezes, exige assumir um posicionamento contrário às políticas públicas educacionais vigentes.

A escola, que deveria se constituir como um espaço vivo de criação, investigação e construção coletiva do conhecimento, acaba tornando-se, na maioria das vezes, um ambiente voltado apenas para a transmissão de conteúdos desvinculados da vida das crianças. Profissionais de diversas áreas sentem-se legitimados a opinar sobre o que o professor deve ensinar, como deve ensinar e quais conteúdos as crianças precisam aprender, restando pouco espaço para aquilo que realmente importa: a construção do conhecimento por meio da interação entre professor e aluno com mediação feita pela linguagem.

O que Foucault escreveu sobre a escola de Jules Ferry (centrada em automatismos em vez da construção autônoma de conhecimento, tolhendo o desenvolvimento pleno do aluno) ultrapassa o contexto histórico em que suas críticas foram formuladas e permanece atual. Muitas das práticas de ensino por ele questionadas ainda estão presentes nas escolas de hoje, especialmente aquelas centradas na transmissão de conteúdos e na pouca valorização da participação dos alunos na construção do conhecimento.

Aprende-se para saber fazer, mas não fazendo de fato; e, sobretudo sem se inserir no ciclo de uma produção confrontada às exigências de destinatários autênticos.

Sempre é o professor que aprecia; e com critérios didáticos, não de produção, não de expectativa social. (Foucault, 2010, p. 120).

Essa crítica nos convida a refletir sobre a concepção de escrita que orienta as práticas pedagógicas defendidas pelo NAHum, tendo em vista uma alfabetização humanizadora em que a escrita não é apenas uma materialidade gráfica, mas um ato cultural construído historicamente. Diante disso, faz-se necessário que as crianças sejam inseridas em situações nas quais possam se apropriar dos atos humanos envolvidos no processo de aprendizagem da linguagem escrita e consigam lidar com os diferentes tipos de textos vinculados aos suportes criados pelo homem. No entanto, o que frequentemente se observa nas escolas é um movimento contrário: muitas vezes sem o aval dos professores, privilegia-se a reprodução de conteúdos estáticos e desprovidos de sentido, presentes em inúmeros livros didáticos, plataformas digitais e outros materiais padronizados, que nem sempre dialogam com as necessidades e os interesses das crianças. Assim, a apropriação dos atos de ler e de escrever deixa de ser um processo vivo para tornar-se o cumprimento de tarefas superficiais que em nada contribuem para a aprendizagem das crianças. Essa forma de compreender o ensino da escrita desconsidera que, ao ingressar na escola, a criança já teve contato com a cultura escrita em diferentes situações sociais. A escrita desempenha um enorme papel no desenvolvimento cultural da criança, entretanto, na escola, ocupa um espaço muito pequeno (Vygotski, 1995). Isso significa que a escola, muitas vezes, não insere a criança no universo da cultura escrita com toda a sua complexidade, mas a coloca em contato apenas com os aspectos superficiais. Nas palavras de Foucault (2010, p. 120-121),

Escreve-se para aprender a escrever, mas o que se escreve não diz respeito a ninguém que queiramos

convencer ou sensibilizar. Por isso, nunca estamos em uma verdadeira situação de comunicação escrita e aquilo que se aprende não é a escrita, no máximo o uso de regras acadêmicas, a adoção de convenções das quais não se entende a necessidade, a reprodução de um modelo do qual não se percebe a função social, as intenções, as consequências, nem a marca.

Em contraposição a essa lógica, a experiência relatada pela professora Natália no “Eu faço assim” desta edição, demonstra que a linguagem escrita, quando nasce de situações reais e significativas, faz sentido para as crianças e cria necessidades de uso da escrita. Ao acolher os interesses das crianças e transformá-los em objeto de investigação, a professora possibilitou que a sala de aula se constituísse como um ambiente vivo de pesquisa, no qual puderam levantar hipóteses, buscar informações, organizar conhecimentos e compartilhar suas descobertas.

Esse trabalho nasceu de uma necessidade real e foi impulsionado pelas perguntas, hipóteses e curiosidades das próprias crianças. Nesse contexto, a leitura de textos científicos não se configurou como uma atividade desprovida de sentido ou realizada apenas para cumprir uma tarefa escolar. Ao contrário, as crianças buscavam, nos textos, respostas para questões que elas mesmas formularam, utilizando a leitura e a escrita como ferramentas para investigar, organizar e compartilhar conhecimentos.

Desse modo, a sala de aula transformou-se em um ambiente vivo de pesquisa, no qual a linguagem escrita assumiu uma função social concreta. A leitura e a escrita passaram a fazer parte de um projeto coletivo de investigação, conferindo sentido às aprendizagens considerando as vozes das crianças e suas inquietações.

Essa experiência demonstra que, quando o ensino é organizado a partir da escuta e dos interesses das crianças, abre novas possibilidades de agir e pensar a linguagem escrita e, com isso, as questões técnicas da língua não detêm primazia no processo de aprendizagem, porque a atenção se centra na apropriação da escrita como uma atividade do pensamento.

Aprender é inventar uma solução provisória para resolver um problema novo cuja solução importa. Uma aprendizagem supõe necessariamente que o meio se

comporte com o aprendiz como se este fosse dotado daquilo que se espera que aprenda (Foucambert, 2010, p. 121-122).

A linguagem escrita, quando nasce em situações reais, faz todo sentido para as crianças, a sala de aula se torna um ambiente de pesquisa vivo no qual podem pesquisar, organizar e compartilhar o que aprenderam.

**DESSE MODO, A ESCOLA
CONSOLIDA-SE COMO UM
ESPAÇO DE ESCUTA, DIÁLOGO E
RESPEITO AOS CONHECIMENTOS
CONSTRUÍDOS NAS INTERAÇÕES
ENTRE CRIANÇAS
E PROFESSORES.
EM VEZ DE REPRODUZIR,
PRODUZIR SENTIDOS:
ESSE É O CAMINHO.**

Referências

FOUCAMBERT, J. *A escola de Jules Ferry: um mito que perdura*. Tradução: Lúcia Cherem e Nathalie Dessartre - Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

VYGOTSKI, L.S. A. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In: *Obras escogidas*. Madrid: Visor, 1995, v. III, p. 183-206.

EU FAÇO ASSIM

DA ESCUTA À INICIAÇÃO CIENTÍFICA: O UNIVERSO DOS DINOSSAUROS

Por Natália Roberta Teixeira Barbosa

Um projeto nasceu da escuta das crianças numa escola de Educação Infantil na Prefeitura de São Paulo e as levou para o universo da escrita e dos dinossauros. A necessidade de tornar a escola um espaço de pertencimento para acolher uma criança com hiperfoco em dinossauro, se transformou em investigação coletiva, com assembleias, perguntas, hipóteses e descobertas compartilhadas.

A curiosidade cresceu e abriu caminho para o planejamento coletivo, em que reunimos materiais como livros, revistas, textos científicos flexibilizados, vídeos, brinquedos. A partir desses materiais, levantamos hipóteses e organizamos perguntas para guiar a pesquisa do grupo. As crianças foram protagonistas de todo o processo, e a professora atuou como mediadora entre uma descoberta e outra.

Imagens 1, 2, 3 – Materiais de pesquisa



Fonte: arquivo da professora.

Nas etapas seguintes, as crianças vivenciaram diferentes experiências. As decisões foram definidas em grande parte por rodas de conversa e assembleias. Em todo momento a professora atuava como escriba e registrava as descobertas das crianças. A sala de referência se transformou em um grande espaço de pesquisa e informação, onde as crianças opinavam inclusive na forma como as informações eram organizadas e expostas.

Imagens 4 e 5 – Organização do espaço.



Fonte: arquivo da professora.

As crianças liam textos complexos, avaliavam os bonecos de dinossauros e separavam por categorias, identificando quais grupos tinham mais brinquedos. Em uma dessas observações, surgiu a fala: **“Prô, tem muito estegossauro e pouco anquilossauro! Precisa pedir pra diretora comprar mais anquilossauro!”**. Esse olhar investigativo nos levou a organizar e registrar diversas informações, levantando hipóteses sobre a extinção dos dinossauros, seus habitats, tamanhos, hábitos alimentares.

A escrita esteve presente em todas as etapas. Produzimos listas de materiais, registramos nomes de espécies, elaboramos mapas mentais e murais para organizar o que sabíamos. A leitura de textos científicos adaptados despertou curiosidade: as crianças pediam para identificar palavras, comparar letras e anotar descobertas.

Durante a visita ao Museu de Zoologia, os registros continuaram — elas queriam reler placas que já haviam visto na visita online. **“Quando vamos chegar naquela cabeça de T-rex?”**, **“Prô, lê essa placa que fala do carnotauro de novo?”**, **“Olha, esse aqui está em outro lugar agora!”**.

Imagens 6 e 7 – Visita ao museu.



Fonte: arquivo da professora.

Esse movimento mostrou que a escrita, quando nasce de situações reais, faz sentido para as crianças.

Mais do que um exercício isolado, ela se tornou uma ferramenta de comunicação dos processos investigativos do grupo. A escrita esteve ao lado dos desenhos das crianças, se relacionou com as dramatizações desenvolvidas, com as medições, modelagens e cartografia.

O mais potente dessa trajetória foi poder testemunhar como a afetividade se consolidou como nosso principal instrumento pedagógico. Isso foi possível com o acolhimento do hiperfoco do estudante e da curiosidade do grupo sobre o tema.

Ter esse olhar e usar isso para transformar intencionalmente o ambiente foram passos fundamentais para a inclusão e para dar sentido e visibilidade à aprendizagem das crianças e ao percurso do grupo; isso porque a sala de aula foi gradualmente reorganizada, deixando de ser um espaço estático para se converter em um verdadeiro laboratório de descobertas, repleto de livros, imagens e materiais dispostos de forma a convidar à pesquisa.

A transformação do ambiente possibilitou que o estudante com hiperfoco reconhecesse seus interesses no espaço, estimulando sua aproximação com os colegas e favorecendo a criação de vínculos; e, posteriormente, ilustrou os processos vividos pelo grupo, mantendo-se como um ambiente de pesquisa vivo.

O planejamento intencional do ambiente, somado ao afeto e ao protagonismo infantil, provou ser o caminho mais seguro para a inclusão e a construção de um espaço que estimule conhecimento.

Assim, entre fósseis de argila, listas coladas nas paredes e cartazes cheios de ideias, as crianças descobriram que escrever é também um jeito de pensar, organizar e compartilhar o que se aprende.

A cultura da escrita foi vivida como parte do cotidiano, em diálogo com a curiosidade e o protagonismo infantil.

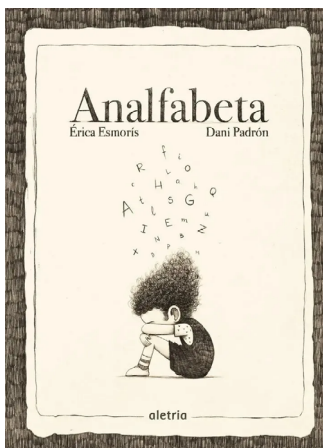
MURAL

DIÁLOGO COM O LEITOR

No dia 16 de junho de 2026, Aline Magalhães de Oliveira, Luciane de Souza Solon e Maria Fernanda de Almeida Fernandes, estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, sob a orientação da Professora Greice Ferreira da Silva, defenderam seus trabalhos de Conclusão de Curso com temáticas voltadas para a Alfabetização numa perspectiva Humanizadora.

Os boletins do NAHum se constituíram como importantes materiais de estudo e pesquisa que fundamentaram os trabalhos elaborados e, ao mesmo tempo, também foram objeto de pesquisa de um dos trabalhos, como é o caso trabalho “Bajard e a Alfabetização: uma análise do boletim especial do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)”, de Luciane Solon. As estudantes conheceram os boletins e os demais materiais por meio do estudo realizado no Projeto de Pesquisa que a professora Greice coordena, voltado para a alfabetização.

LEITURA NA RODA



“**Analfabeta**”, escrito por Érica Esmoris, ilustrado por Dani Padrón e traduzido por Sabrina Mascarenhas, é um livro que consegue provocar profundas reflexões no leitor. Este livro nos apresenta uma menina que amava a forma que sua avó “lia” as histórias para ela todos os dias antes de dormir, a pessoa mais “inteligente” que ela conhecia. Mas essa menina, que aprendeu a ler, um dia reparou que as palavras da avó não correspondiam com as impressas no livro. Analfabeta promove reflexões

sobre o pertencimento à sociedade aos que sabem ler e escrever e também sobre a exclusão daqueles que não tiveram as mesmas oportunidades de se alfabetizarem.



“**O colecionador de chuva**”, escrito e ilustrado por André Neves, Editora Paulinas, é um livro poético, repleto de sensibilidade e delicadeza. Em uma cidade em que o sol brilha forte todos os dias e a chuva demora a molhar a terra, um menino aspira por colecionar gotas de chuva. Ele sabe que um dia a chuva virá e se prepara para guardar todas as gotas que caírem; gotas de todos os tipos em recipientes de todos os tipos. No dia em que a chuva finalmente cai, os moradores da cidade comemoram e saem à rua juntos com o menino. Uma chuva de lavar a alma que faz todas as pessoas da cidade se sentirem como se fossem crianças. Uma chuva que quando vai embora deixa só lembranças doces e de felicidade.

DICA DE LEITURA

Acaba de ser lançado (impresso e e-book) o terceiro livro da trilogia sobre sistemas psicológico-didáticos: Sistema Zankov. Pouco conhecido no Brasil e na América Latina, ele se torna uma fonte essencial para a pesquisa em psicologia pedagógica e didática desenvolvimental. A obra reúne estudos teóricos, experimentais e relatos de experiências de pesquisadores brasileiros, russos e cubanos. Acesso ao e-book: <https://pedroejoaoeditores.com.br/.../aprendizagem.../>